

Apontamentos para um Dicionário de Epítetos de Escritores da Literatura Brasileira

Claudio Cezar Henriques

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Rua Pontes Correia, 101 – apt. 302

CEP: 20510-050

Rio de Janeiro – RJ

BRASIL

claudioc@alternex.com.br

Abstract

Considerações acerca dos critérios de organização de um Dicionário de Epítetos de Autores da Literatura Brasileira, suas fontes e principais resultados colhidos até o momento.

1. Introdução

O **nome** é a voz com que as coisas – e as pessoas – se dão a conhecer. Esse substantivo vem do sânscrito *ñaman*, passou pelo grego *gnaman* e nos chegou por intermédio do latim *numen*. A raiz histórica *ñā>gna* é étimo de *cognoscere*, conhecer, e tem parentesco com *noumenon* (nume) – influxo divino, experiência do sagrado, alguma coisa que parece carregada de energia viva. Para Kant, a razão pura; para Jung, uma espécie de herança do inconsciente coletivo.

Como se percebe, **nome** é o mesmo que conhecimento, nume – que já é "espírito sobrenatural". Ou seja, o nome não tem o papel de apenas identificar algo ou alguém, mas de dar à coisa ou pessoa identificada uma entidade moral, o seu apelativo próprio. Um único nome, entretanto, acaba se tornando pouco para dar conta das dimensões ontológicas do ser, e as sociedades se valem de estratégias comunicativas variadas para expressar ou compensar tais anseios.

Os estudos da linguagem têm se ocupado da descrição e interpretação dos fenômenos ligados aos empregos e às transformações dos nomes designativos de seres humanos. O assunto geralmente está presente no capítulo que trata das chamadas "figuras de linguagem", e faz parte desse contingente a situação específica que consiste na utilização de um substantivo comum em lugar de um substantivo próprio – tema que nos motivou ao estudo que trazemos à lume nesta oportunidade.

Epítetos, cognomes, apelidos, antonomásias, alcunhas são substantivos comuns tomados a partir de uma motivação metonímica ou metafórica – conhecida ou desconhecida – como substitutos de um antropônimo e, em decorrência disso, às vezes redigidos também como substantivos próprios. Na literatura brasileira, a forma de referência a alguns escritores tem registrado, ao longo do tempo, a utilização de um sem-número de epítetos, alguns dos quais

ultrapassam gerações e se mostram como "sinônimos" perfeitos para suas matrizes semânticas. Estão neste caso expressões como "Boca do Inferno", "Poeta dos Escravos" e "Bruxo do Cosme Velho", que podem ser empregadas como identificadoras dos nomes dos autores no lugar dos quais se põem, com pouca margem de risco quanto a uma possível incompreensão.

A hipótese de que partimos para empreender nossa pesquisa repousa na idéia de que as sinonimizações apositivas ou perifrásticas – anafóricas ou catafóricas – são habituais entre as estratégias textuais empregadas em ensaios, matérias e estudos que se referem a escritores. Tal costume e a reiteração das mesmas sinonímias em textos de diferentes contextos e épocas propiciam a propagação dessas equiparações semânticas, fazendo-nos crer que há um número considerável de escritores brasileiros cujos nomes possuem uma outra "voz que lhes dá a conhecer", justificando nosso objetivo de elaborar um dicionário de epítetos de escritores da literatura brasileira.

2. A ortografia dos epítetos

Os hábitos redacionais em língua portuguesa não contemplam, do ponto de vista prático, o uso regulamentar de letra maiúscula para a escrita de epítetos. Podemos dizer mesmo que textos jornalísticos e acadêmicos têm preferido redigir os epítetos como se fossem substantivos comuns – e não próprios.

Não é o que estabelece o Formulário Ortográfico oficial da Academia Brasileira de Letras, em vigor desde 1943. O artigo 49 da seção XVI, que trata do emprego das iniciais maiúsculas, enumera quinze casos. O segundo deles diz que se emprega inicial maiúscula "nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topônimos, patronímicos, **cognomes**, **alcunhas**, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José, Maria, Macedo, Freitas, Brasil, América, Guanabara, Tietê, Atlântico, Antoninos, Afrosinhos, Conquistador, Magnânimo, Coração de Leão, Sem Pavor, Deus, Jeová, Alá, Assunção, Ressurreição, Júpiter, Baco, Cérbero, Via-Láctea, Canopo, Vênus*, etc." (grifos nossos).

Desse modo, a despeito da inobservância na literatura e na mídia, optamos neste trabalho por grafar os epítetos como substantivos próprios, nos termos da convenção ortográfica em vigor no Brasil.

3. O campo semântico dos epítetos

A datação do substantivo masculino **epíteto** [do grego *epíthetos*, pelo latim *epitheton*] remonta, na língua portuguesa, ao ano de 1532 (João de Barros: *Ropica Pnema*, p. 181, apud Houaiss 2001). A palavra grega é o particípio passado do verbo *epitithenai*, "acrescentar a", formado do prefixo *epi-* ("sobre") e do radical *tithenai*, "pôr, colocar". A raiz grega desse verbo é *the-* e se origina da mesma raiz do proto-indo-europeu (**dho-/dhe-*).

Se tomarmos a referenciação feita pelos dicionários contemporâneos como um critério de identificação dos "pares semânticos" mais próximos de **epíteto**, chegaremos a quatro sinonimizadores principais: **alcunha**, **antonomásia**, **apelido** e **cognome**.

A etimologia dos vocábulos dessa série só destoa no caso da palavra **alcunha**, única que não provém do latim. O termo, de origem árabe [de *al-kunya*(t): "designação que se junta ao

prenome e ao sobrenome de alguém"], consta de documento do séc. XV, como nos informa o Índice do Vocabulário do Português Medieval, de Antônio Geraldo da Cunha (apud Houaiss 2001).

Os outros três substantivos têm procedência clássica, a saber: **antonomásia**, que se origina do grego *antonomasia*, pelo latim *antonomasia*, com datação de 1540 (Gramática da Língua Portuguesa, de João de Barros, p. 38, apud Houaiss 2001); **apelido**, de verbal de *apelidar* [do latim *appellitare*], com datação entre 1055 e 1065 (cf. J. P. Machado); e **cognome**, que em latim [*cognomen*] indicava o terceiro – e geralmente último – nome da pessoa, designativo da família, com datação de 1533 (vol. II do Corpo Diplomático Português..., p. 453, apud Houaiss 2001).

Quanto aos valores semânticos de **epíteto**, observamos poucas divergências entre os dicionaristas. Para nossos objetivos, fiquemos com dois deles, começando pelo Dicionário Aurélio Século XXI (Ferreira, 2000), que apresenta como única acepção para esse substantivo "palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa" e remete o verbete para **cognome**. Neste, vê-se apenas uma acepção, "epíteto nominal; apelido, alcunha; antonomásia". Seguindo essas remissões internas, chegamos então – num terceiro nível de vinculação semântica – a **alcunha** ("cognome geralmente depreciativo que se põe a alguém, e pelo qual fica sendo conhecido, tirado de alguma particularidade física ou moral; apelido, apodo"), **apelido** (com três acepções: "1. sobrenome (2), ou seja, nome que é usado posposto ao nome de família; 2. alcunha. 3. designação especial de alguém ou de alguma coisa) e **antonomásia** (com uma acepção técnica: "1. Estudos da Linguagem: substituição de um nome próprio por um comum ou uma perífrase – sinônimo de pronominação" e uma remissão para **cognome**).

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), **epíteto** tem duas acepções gerais: "1. palavra ou expressão que se associa a um nome ou pronome para qualificá-lo; 2. qualificação elogiosa ou injuriosa dada a alguém; alcunha, qualificativo." Uma remissão à palavra **antonomásia** (incluída na acepção 2) e uma identificação técnica completam as informações sobre o verbete: "3. Rubrica: gramática tradicional – qualquer adjetivo ou expressão com valor de adjunto atributivo não ligada ao substantivo por um verbo". Pelo mesmo critério anteriormente explicado, chegamos ao verbete **alcunha**, cujas duas acepções iniciais são classificadas como diacronismo ("1. antigo epônimo – nome de animal, planta, topônimo, etc. – que se acrescentava ao nome próprio como um sobrenome; 2. antigo qualificativo especial – exs. nobre, leal, etc. – que os reis atribuíam às vilas e cidades"). Na terceira, temos, com datação de 1708, o valor semântico vigente até os dias de hoje: "3. denominação ou qualificativo, por vezes depreciativo, que se usa em lugar do nome próprio de alguém, ou em acréscimo deste, ou em lugar do nome designativo de um grupo de pessoas, um povo, etc." Os próximos verbetes da série são **qualificativo**, em seu emprego substantivo ("o que qualifica"), e **antonomásia**, indicado como termo técnico do campo da estilística e da retórica (explicado como "variedade de metonímia que consiste em substituir um nome de objeto, entidade, pessoa etc. por outra denominação, que pode ser um nome comum – ou uma perífrase –, um gentílico, um adjetivo etc., que seja sugestivo, explicativo, laudatório, eufêmico, irônico ou pejorativo e que caracterize uma qualidade universal ou conhecida do possuidor ou vice-versa"). Num terceiro nível de vinculação, chegamos ao verbete **cognome**, cujo emprego "como nome que se junta com outro ou outros" – em virtude de

"seu caráter de cultismo" – passou "a ser equivalente a *apodo, apelido, alcunha, alcunho, antonomásia, epíteto*, com distinções formais ou informais, cultas ou popularizantes".

Outros estágios de sinonimização da palavra **epíteto** nos encaminhariam para um levantamento mais exaustivo de palavras, como por exemplo agnome, apodadura, cognomento, cognominação, prosônimo, titulação, velacho. Nelas, ficariam mais visíveis certas nuances pragmáticas quanto aos valores de cada um desses parceiros semânticos – algo, porém, que não trataremos aqui.

Modernamente, é bastante freqüente o emprego da palavra **epíteto** nas caracterizações negativas ou pejorativas, não obstante permaneçam também seus usos nas qualificações positivas e laudatórias. Já os **epítetos** propriamente ditos, estes sempre expressaram objetivamente as marcas semânticas atribuídas a pessoas e coisas e – no caso dos epítetos vinculados a escritores – verifica-se o predomínio das motivações pragmáticas ora de valor material, "físico" (como no epíteto Caolho, para Luís de Camões), ora de valor imaterial, "espiritual" (como no epíteto Bruxo, para Machado de Assis).

4. Organização da nominata

4.1 Critérios para inclusão

Um dos pontos a considerar para a organização de um dicionário de escritores são os critérios que justifiquem o acolhimento ou não do nome de um autor. Para isso, optamos por nos socorrer de uma alentada bibliografia de obras de referência no campo dos estudos literários, existente no Brasil e em Portugal. Enciclopédias e dicionários especializados, compêndios e volumes de história da literatura servem-nos como instâncias atestadoras da validade de se incluir determinado autor na obra em processo de organização.

Citamos alguns, dentre os mais representativos: os dicionários de Sacramento Blake, Jacinto do Prado Coelho, Raimundo de Menezes, Celso Pedro Luft, Massaud Moisés, Nelly Novaes Coelho; a enciclopédia de Afrânio Coutinho e Galante de Sousa; e os estudos históricos de Alfredo Bosi, Andrade Muricy, Domicio Proença Filho, Nelson Werneck Sodré, Antonio Candido, José Aderaldo Castello, Antônio Soares Amora, Sílvio Castro, Afrânio Peixoto, Luciana Stegagno Picchio, Sílvio Romero, José Veríssimo, José Luís Jobim e Roberto Acízelo de Sousa.

O segundo aspecto quanto aos critérios são as fontes de atestação do epíteto a ser incorporado na nominata. Neste caso, as referências podem estar nas próprias obras há pouco mencionadas, em ensaios e estudos específicos sobre determinado autor, obra ou período ou em matérias jornalísticas de cadernos literários.

4.2 Esboços de verbete

4.2.1 Formato A. Contendo apenas quatro informações: entrada pelo epíteto + remissão para o sobrenome do poeta + anos de nascimento e falecimento.

Exemplo:

Príncipe dos Poetas Brasileiros: Bilac, Olavo (1865-1918) e Oliveira, Alberto de (1857-1937)

4.2.2 *Formato B*. Contendo, além do corpo informativo-descritivo, três informações principais: entrada pelo sobrenome do escritor + anos de nascimento e falecimento + epíteto(s)

O corpo informativo-descritivo das entradas do formato B conterá, sempre que possível, frases verbais que forneçam os seguintes dados: Localidade de nascimento e de falecimento; breve biografia literária; formação acadêmica e/ou atuação profissional; principais obras. O verbete será sempre encerrado com uma explicação ou interpretação para o epíteto.

Exemplos:

Bilac, Olavo (1865-1918): Príncipe dos Poetas Brasileiros.

Nasceu e morreu no Rio de Janeiro. Figura principal do parnasianismo no Brasil, autor de sonetos de chave de ouro decorados e declamados em toda parte, nos saraus e salões literários comuns nas duas primeiras décadas do século XX. Fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira nº 15, cujo patrono é Gonçalves Dias. Jornalista, defendeu as causas do nacionalismo e da abolição. Obras: Poesias (1888), Crônicas e Novelas (1894), Poesias Infantis (1904), Tarde (1919), Conferências Literárias (1906), A Defesa Nacional (1917).

Em 1913, numa promoção da revista Fon-Fon, foi eleito o primeiro Príncipe dos Poetas Brasileiros.

Oliveira, Alberto de (1857-1937): Príncipe dos Poetas Brasileiros.

Nasceu em Palmital de Saquarema (RJ) e morreu em Niterói (RJ). Poeta anti-romântico, surgiu à frente do movimento estético A Nova Idéia. Um dos arautos e instauradores do parnasianismo no Brasil. Fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira nº 8, cujo patrono é Cláudio Manuel da Costa. Diplomado em Farmácia e professor no Distrito Federal. Obras: Canções Românticas (1878), Meridionais (1884), com introdução de Machado de Assis, Versos e Rimas (1895), Poesias (4 séries: entre 1900 e 1928).

Em 1924, numa promoção da revista Fon-Fon, foi eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros, sucedendo a Olavo Bilac.

5. Alguns exemplos

Os resultados e levantamentos preliminares confirmam o pressuposto de que a organização de um Dicionário de Epítetos de Escritores da Literatura Brasileira poderá prestar relevante contribuição para os estudos literários, culturais e históricos. A pesquisa se mostra profícua, embora esteja revestida das dificuldades naturais desse tipo de trabalho, inédito em língua portuguesa.

Parece-nos que será possível atingir a meta inicial de organizar uma obra que venha, futuramente, a ser enriquecida também com as contribuições de outros pesquisadores e especialistas. Para a primeira edição, estabelecemos como limite a reunião de, pelo menos, cem nomes de autores com epítetos, o que por si só – em nossa opinião e segundo entendimentos preliminares com editores brasileiros – justificaria sua publicação.

Até o momento, já temos cerca de oitenta verbetes organizados, englobando os dois formatos de apresentação. A lista inclui casos por demais reiterados nos meios literários brasileiros, como Bruxo do Cosme Velho (para Machado de Assis), Águia de Haja (para Rui Barbosa),

"Gauche" (para Carlos Drummond de Andrade). Recorda, porém, alguns epítetos somente reconhecidos por um público restrito ou especializado, como Fly (para Filinto de Almeida), Grande Personagem (para Hilda Hilst), Paiáçu (para o Padre Antônio Vieira). E revela ainda alguns casos bastante particulares, dos quais mencionamos dois. O primeiro enumera os "auto-epítetos", formas como os escritores se autodenominavam em ambiente familiar ou entre seus amigos, como são os casos de Urso Polar (Carlos Drummond de Andrade assim se referia a si mesmo), Poeta Menor ("auto-epíteto" de Manuel Bandeira). O segundo revela os epítetos pouco corteses que alguns autores ou críticos atribuíam a escritores por ironia, sarcasmo, inveja ou vaidade, aqui exemplificados com os epítetos Chulé de Apolo (dado por Oswald de Andrade para Ledo Ivo), Sapo-Boi (dado por Manuel Bandeira para Olavo Bilac) e Judas do Brasil (para o Padre Vieira)

A primeira listagem enumera algumas das entradas do Dicionário, pelos epítetos:

ÁGUIA DE HAIA – Rui Barbosa
ALQUIMISTA – Paulo Coelho
BARDO – Manuel Bandeira
BARDO FLUMINENSE – Aureliano Lessa
BARDO MINEIRO – Bernardo Guimarães
BOCA DO INFERNO – Gregório de Matos Guerra
BRUXO – Machado de Assis, Paulo Coelho
BRUXO DO COSME VELHO – Machado de Assis
CALCANHAR DE AQUILES DO MODERNISMO – Oswald de Andrade
CHULÉ DE APOLO – Ledo Ivo
CISNE NEGRO – Cruz e Sousa
DECANO DO MODERNISMO – Mário de Andrade
ENGENHEIRO DAS PALAVRAS – João Cabral
ESCRITOR MALDITO – Nelson Rodrigues, Jorge Amado, João Antônio, Dalton Trevisan, Ana Cristina César
ESCRITOR MISTERIOSO – Dalton Trevisan, Raduan Nassar
FLY – Filinto de Almeida
GAUCHE – Carlos Drummond de Andrade
GRAÇA – Graciliano Ramos
GRANDE PERSONAGEM – Hilda Hilst
JUDAS DO BRASIL – Padre Antônio Vieira
MAGO – Paulo Coelho
PAI DO JECA TATU – Monteiro Lobato
PAI DO MODERNISMO – Mário de Andrade
PAIÁÇU (PAI GRANDE) – Padre Antônio Vieira
PATRIARCA DA LITERATURA BRASILEIRA – José de Alencar
POETA DA CRUELDADE – Glauco Mattoso
POETA DIPLOMATA – João Cabral, Raul Bopp, Vinicius de Moraes
POETA DOS ESCRAVOS – Castro Alves
POETA MALDITA – Ana Cristina César
POETA MENOR – Manoel Bandeira
POETA MISSIONÁRIO – José de Anchieta
POETA NEGRO – Cruz e Sousa

POETA SINISTRO – Glauco Mattoso
POETINHA – Vinicius de Moraes
PRÍNCIPE DOS POETAS BRASILEIROS – Olavo Bilac, Alberto de Oliveira
RAINHA DAS ESCRITORAS BRASILEIRAS – Raquel de Queiroz
SAPO-BOI – Olavo Bilac
URSO POLAR – Carlos Drummond de Andrade
VELHO GRAÇA – Graciliano Ramos

A segunda listagem enumera as entradas do Dicionário, provisoriamente pelos prenomes:

Alberto de Oliveira - Príncipe dos Poetas Brasileiros
Ana Cristina César - Escritora Maldita, Poeta Maldita
Aureliano Lessa – Bardo Fluminense
Bernardo Guimarães – Bardo Mineiro
Carlos Drummond de Andrade – Gauche, Urso Polar
Castro Alves – Poeta dos Escravos
Cruz e Sousa – Cisne Negro, Poeta Negro
Dalton Trevisan - Escritor Maldito, Escritor Misterioso
Filinto de Almeida – Fly
Glauco Mattoso - Poeta da Crueldade, Poeta Sinistro
Graciliano Ramos – Graça, Velho Graça
Gregório de Matos Guerra – Boca do Inferno
Hilda Hilst - Grande Personagem
João Antônio - Escritor Maldito
João Cabral - Engenheiro das Palavras, Poeta Diplomata
Jorge Amado - Escritor Maldito
José de Alencar - Patriarca da Literatura Brasileira
José de Anchieta - Poeta Missionário
Ledo Ivo - Chulé de Apolo
Machado de Assis – Bruxo, Bruxo do Cosme Velho
Manoel Bandeira – Bardo, Poeta Menor
Mário de Andrade - Decano do Modernismo, Pai do Modernismo
Monteiro Lobato - Pai do Jeca Tatu
Nelson Rodrigues - Escritor Maldito
Olavo Bilac - Príncipe dos Poetas Brasileiros, Sapo-Boi
Oswald de Andrade – Calcanhar-de-Aquiles do Modernismo
Padre Antônio Vieira - Paião (Pai Grande), Judas do Brasil
Paulo Coelho – Alquimista, Bruxo, Mago
Raduan Nassar - Escritor Misterioso
Raquel de Queiroz - Rainha das Escritoras Brasileiras
Raul Bopp - Poeta Diplomata
Rui Barbosa – Águia de Haia
Vinicius De Moraes - Poeta Diplomata, Poetinha

6. Referências

6.1 Dicionários

- Academia Brasileira de Letras. 1999. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: ABL.
- Blake, S. 1899. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional
- Coutinho, A. & Sousa, J. G. de. 2001. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2 vols. Rio de Janeiro: Global Editora & ABL.
- Coelho, J. P. (dir.) 1994. *Dicionário de Literatura*. 5 vols. Porto: Mario Figueirinhas.
- Coelho, N. N. 2002. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*. São Paulo: Escrituras.
- Cunha, A. G. da. 1998. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Editorial Enciclopédia Ltda. 1967. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. 28 vols. Rio de Janeiro & Lisboa: EEL
- Ferreira, A. B. H. 2000. *Dicionário da Língua Portuguesa século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. CD-ROM.
- Hartmann, R. R. K. & James, G. 1998. *Dictionary of Lexicography*. London & New York: Routledge, 1998.
- Houaiss, A. 2001. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – versão 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva. CD-ROM.
- Luft, C. P. 1969. *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Porto Alegre: Globo
- Machado, J. P. 1977. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte.
- Menezes, R. de. 1978. *Dicionário Literário Brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- Moisés, M. (org.) 2001. *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- Paiva, T. B. 1929. *Dicionário de Pseudônimos*. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia.

6.2 Outras

- Amora, A. S. 1996. *História da literatura brasileira: séc. XVI-XX*. São Paulo: Saraiva.
- Athayde, T. de. 1980. *Teoria, Crítica e História Literária*. Rio de Janeiro & Brasília: Livros Técnicos e Científicos & INL.
- Béjoint, H. 2000. *Modern Lexicography: an introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Bennet, E. A. 1966. *What Jung Really Said*. New York: Schocken.
- Borba, F. S. 2003. *Introdução à Lexicografia*. São Paulo: Ática.
- Bosi, A. 1994. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- Cândido, A. 2000. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia
- Cândido, A. & Castello, J. A. 1974. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Corréard, M. H. (ed.) 2002. *Lexicography and Natural Language Processing: a festschrift in honour of B. T. S. Atkins*. Grenoble: Euralex.
- Coutinho, A. (dir.) 1968. *A Literatura no Brasil*. 6 vols. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana.
- Castro, S. 1999. *História da Literatura Brasileira*. 3 vols. Lisboa: Alfa.
- Dubois, J. & Dubois, C. 1971. *Introduction à la Lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Librairie Larousse.
- Jobim, J. L. & Sousa, R. A. de. 1987. *Introdução à Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Kant, I. 1983. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Abril Cultural.
- Landau, S. I. 2001. *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. Cambridge: CUP.
- Muricy, A. 1987. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 2 vols. São Paulo: Perspectiva.
- Peixoto, A. 1940. *Panorama da Literatura Brasileira*. São Paulo: Nacional.
- Picchio, L. S. 1997. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

- Proença Filho, D.** 1981. *Estilos de Época na Literatura*. São Paulo: Ática.
- Romero, S.** 2001. *Compêndio de História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Imago.
- Sodré, N. W.** 2002. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Graphia.
- Veríssimo, J.** 1998. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira a Machado de Assis*. São Paulo: Letras e Letras.